

A POESIA QUE O MUNDO PRECISA

A poesia está presente não só na natureza das coisas e seres, como também na alma humana capacitada a captá-la e transmiti-la não só pela palavra escrita, como pela abstração musicada, ou expressa em imagens. Meios de expressão para se chegar a ela são infinitos. A poesia rege os mecanismos das artes e mesmo escondida em estruturalismos, hermetismos, personalismos, modismos desta ou daquela tendência ou época, muitas das vezes impossibilita seu amplo alcance. Não considerem isto uma crítica aos seus criadores, pois seria uma sandice, posto que eu mesmo tenho lá minhas modestas pretensões e busco me encaixar em alguns de seus escaninhos.

Sendo levado pelos braços dessa donzela a tentar decifrar que tipo de poesia possa servir à proposta deste festival, acabei caindo naquela poesia distante das palavras. Na poesia que emana do gesto da criatura humana a sensibilizar o semelhante. Esta poesia nascente do gesto é a que acho ser a que o mundo precisa. Como aquele gesto de um semeador camponês, por exemplo, que antecipadamente proporciona

o alimento que salva nossa existência ao plantá-lo ou colhe-lo. Há uma poesia contida em seu gesto que não merecia ser maculada com a indigência e o descaso. Multiplique esta poesia e suas conseqüências por milhões de seres e ofícios com finalidades semelhantes ou paralelas, entre as infinitas profissões que constituem o amálgama da manutenção da imensa maioria dos seres humanos e perceba o volume da poesia existente e esmagada, vilipendiada por aqueles que a escravizam, com seu gesto de total ausência poética. A poesia é exercida por quase a totalidade da humanidade, ofuscada pela inversão de valores e acobertada por seus exploradores que não só não a possuem como negam o seu gesto de aniquilar de vez esta iniquidade, essa barbárie, desfrutando da verdadeira poesia nascente na alma e no suor dos seres, para digerirem seus frutos e feitos. Seria uma inversão descabível debitar na conta da classe produtiva sua atenção à falta da poesia, já que sua própria função é a poesia viva a contrapor-se à sua ausência nos setores minoritários de um sistema totalmente desprovido dela.

Se a poesia fosse dotada de poder físico, estaria invadindo castelos, palácios, congressos, bancos etc a impor seu gesto nas consciências que as

gerenciam, a banir do planeta sua deformação genética do desrespeito ao semelhante. Desativaria as bombas nucleares, os instrumentos beligerantes assumindo as reais medidas para a salvação e a harmonia da espécie. Esta poesia, implodida há muito tempo por tentáculos das oligarquias e seus fragmentos se alojam na memória de todos os seres povoados por ela, para num belo dia, sabe-se lá daqui a quanto tempo, seja obrigada a materializar-se a compor seu definitivo poema, quem sabe num milagroso entendimento, ao em vez de se prostrar como mera espectadora do alardeado fim do mundo. A poesia do gesto tem que invadir a consciência desses algozes que acumulam fortunas sarrupiadadas do suor e do trabalho dos seres humanos. Esta é a poesia que o mundo verdadeiramente precisa.

Contra a ausência dessa poesia, me ponho de volta aos versos para dizer que

Hoje se pode acreditar num tempo em que uma luz se trisque no deserto de mentes foscas ocultando o intento de conjugar com todos um só verbo

Sem crer não dá
Sorrir não há
como dar um passo à frente
mesmo dono de alvos dentes

Perdeu-se as estribeiras
antecipando o poder
à frente do saber

No club das oligarquias
o olhar mais do que cego
não alcança a dor alheia.
Vai se esconder no ilusório.
Imagina o que não vê.
Locupleta-lhe a ilusão
de valores sucumbidos.
Mesma alegria com que
digere a inorganidade
supondo estar a absorver
o néctar da natureza,
por tostões que supõe seus,
como se bebessem rios
que acham lhe pertencer,
prostrados na escuridão
das manobras sub-reptícias,
na volúpia ambiciosa
de mentes deterioradas.

De mentes que se disfarçam
na pele de espécie humana,
embrenhada fantasia
abstraindo o dividendo
que circula e ninguém vê,
extraído do labor
de uma servidão concreta
que enfim já mantém seus olhos abertos.
Por acaso fosse o povo dizimado
E se dada ao algoz a dura sina
dele próprio ir plantar sua batata
semear o seu vasto latifúndio
transportar em seu lombo toda a carga
criar calo e arrancar bicho de pé
sentiria o desprazer de ser-se escravo
Brasil?

De todo jeito e tamanho.
Do futebol ao assalto,
da corrupção à trapaça,
da impunidade ao sucesso,
do poder à qualquer preço
ao Brasil da omissão.
Do entreguismo, do lucro,
do pavão à sucursal.
O Brasil da indiferença,
da gozação ao glamour.
Do Brasil do oba-oba
ao foda-se o Brasil.

Pois tem um, que desgarrado,
em favelas, alagados,
sertões e cercanias
nos braços do Deus dará
e eternamente alijado.
Brasil que nunca se vê.
Verte o suor de milhões
que sustentam os Brasis.
Pela força, eternos reféns.
Só contemplados nos palcos
Jogados na brava historia
dos torturados Brasis
diplomados em carências.
Atores nobres das artes
alijadas da memória.

Da inchada barriga da miséria
Nosso país surge à luz a se parir
caminhando aos milhões por avenidas
questionando os desmandos de rendidos
que se nutrem da fome renitente
a fartar-se em delírios de poder
entupindo-se do que não lhes pertence
e se arvorando a gestores do saber

Sua farsa se espraia por paredes
da mentira dos pleitos e troféus
de uma historia crivada de delírios
no extermínio de heróis e seus intentos.

III

Da chamada barriga da miséria
surge um povo, que acende sua chama
e a guiar-se por si carrega a história
afinado à voz geral farta de lama
cujo lixo atravanca sua estrada
cujas portas só vão dar na servidão

O país na barriga da miséria
erupciona um país que se descobre
futucando o seu dedo na ferida
a entoar o seu poema em brado nobre
de se impor, sepultando a vilania
Já maturou sua poesia
lenço branco de seu samba
preso às cordas da transformação
tangidas pelos próprios ais
a transbordar suas razões.

E são todos donos desse mesmo chão
ainda que ressoem altos brados
tentando calar a sua

VOZ

vós que varre a dor
e inunda o cais
pra lavar o desencanto
do caos que fincou seu barraco
em tantos peitos
Seu grito é o canto do galo
a despertar o sol
De mão na mão
vem descobrir
o país de um negro manto
já cansado desse pranto
que a sua poesia vem secar
Já maturou

Toca sua cuíca
pois tudo indica
que assim não fica
Seu canto explica
sem falar

Toca sua cuíca
que o couro estica
e exemplifica
sua barriga
sem falar

Pois que se implodam muros das nações
dada a distância que se fez pequena
Solte-se a voz da soma das razões
a proclamar uma união serena

Eis que
De um brado Zumbi rompe a sinfonia.
Pousa na palma de um grave prelúdio
e um cello pungente arranca das vísceras
o desamparo gretado de dor.

Rasga-se em solo uma voz de Luanda
Evoca Orixás trovões, temporais
chegança nos passos de um maracatu.
Trina o atabaque, solenes metais.
De um gongo que explode, o chão se
arrebenta
e ergue-se altivo um novo Brasil
Indômito, organicamente assumido
pelas ruas dos Brasis
Irmão daquele Brasil
Que ha meio século atrás
vertendo o sangue de suas auroras
esperneava no ventre da terra
e era abortado por falsos Brasis.

Escrava da escuridão,
a espécie não contemplada
galgou por fim seus degraus
e esfacelando a apatia
deixa seu brado gravado no ar.
Contra a gritante e vil realidade
mais cega e escura que uma noite fria.

Vê-se um Brasil tirar venda dos olhos
Sobrepujando e vencendo a utopia.
Novo Brasil que anda matando a pau
mostrando a cobra pelas avenidas.

QUANDO A VERDADE SE FINDA
NA GUERRA ENTRE RISO E PRANTO
SÓ RESSUSCITA NO GRITO
MAIS ALTO QUE SE LEVANTA
A EMPUNHAR
A POESIA DO GESTO
toca sua cuíca
junto à barriga
Convoca e fica
que nem formiga
sem calar

Junta toda cuíca
fazendo figa
e modifica
a intriga antiga
sem calar
POIS É DESTA POESIA
QUE O MUNDO ESTÁ PRECISANDO



Sergio Ricardo

